

Notas e cores: Nelson Sargento, mais alta patente do samba

Maria Eduarda Andreazzi Borges^(*)

Actas de Diseño (2024, julio),
Vol. 46, pp. 97-100. ISSN 1850-2032.
Fecha de recepción: julio 2021
Fecha de aceptación: abril 2023
Versión final: julio 2024

Resumo: Nelson Sargento (1924-) é compositor, cantor, escritor, ator e artista plástico. Aos 12 anos muda-se para o Morro da Mangueira para morar com Alfredo Lourenço, ensina o ofício de pintor de paredes. Mesmo músico consagrado, continua a pintar paredes até que, acidentalmente, torna-se artista plástico. Nos quadros de cores fortes e pinturas primitivas são retratadas suas paixões: morros, escolas de samba, ritmistas e as baianas.

Palavras-chave: carnaval – Brasil – arte primitiva – sambista – traje de baiana – traje, processo criativo.

[Resúmenes en inglés y portugués en la página 100]

“O samba é um bonito modo de viver”. (Nelson Sargento)

Nascido em 25 de julho de 1924 com o nome de Nelson Mattos, ganha o apelido de Nelson Sargento após breve passagem pelo exército brasileiro na década de 40.

Atualmente é um dos mais velhos sambistas brasileiros ainda em atividade que além de compositor, cantor, escritor e ator, também é um artista plástico, realizando com maestria todos os seus trabalhos artísticos.

Aos dez anos de idade, Nelson tem o primeiro contato com escolas de samba tocando tamborim onde morava no Morro do Salgueiro (RJ). Já por volta de seus doze anos, juntamente com sua mãe se muda para o Morro da Mangueira, para viver com seu novo padrasto Alfredo Lourenço (1885-1957) conhecido como Alfredo Português. Muito ligado ao samba do morro, Alfredo foi compositor e um dos fundadores da G.R.E.S. Estação Primeira de Mangueira (RJ) e sua casa era frequentada pelos bambas do samba da década de 30.

Na nova casa, Nelson tem contato direto com grandes ícones da música brasileira como Cartola e Carlos Cachaca e dessa convivência vai aflorando cada vez mais seu talento para o samba.

Já no final da década de 40, em parceria com seu padrasto, compõe o samba enredo “Apologia aos mestres” (1949), que traz mais uma vez o título de campeã do Carnaval carioca para a G.R.E.S. Estação Primeira de Mangueira (RJ). Em sua carreira musical, encontramos cerca de 400 composições e entre outras canções de sucesso “Agoniza mas não morre” é considerado o hino do samba brasileiro que já foi interpretado pelos mais diversos cantores de samba brasileiros.

As tintas e Nelson

Além do samba, a pintura também entra na vida de Nelson ainda jovem, quando aprende o ofício de pintor de paredes com seu padrasto Alfredo, que além de sambista, trabalhava na construção civil.

Mesmo com o passar dos anos, e já se destacando na carreira musical, continuou exercendo a profissão de

pintor de paredes para conseguir seu sustento. Tanto é que em 1965 ao ser convidado para comparecer no Teatro Jovem, a pedido de Elton Medeiros e Hermínio Bello de Carvalho, pensou que “só poderia ser para pintar o teatro, e como estava trabalhando, decidi não pegar outro serviço”. (Barbosa, 2013, p. 85), mas na verdade se tratava de um convite para participar como músico do espetáculo Rosa de Ouro, um marco na Música Popular Brasileira. Foi preciso então, que Elton e Hermínio subissem mais duas vezes ao Morro da Mangueira para fazer com que Nelson comparecesse ao Teatro.

Para além das pinturas de paredes, Nelson Sargento conta que foi acidentalmente que descobriu seu talento para as artes plásticas, pois,

aconteceu por acaso. Eu estava pintando paredes, estava emassando uma parede e a massa caiu. Eu não sei porque, fiquei com raiva e comecei a passar aquela massa em cima de uma tábua de caixote. Quando secou, a massa espalhada formava um desenho. Eu tive um desejo e pensei: vou pintar. E pinte uma pintura qualquer. (Barbosa, 2013, p.92)

Após esse acontecimento, Nelson pinta sua primeira tela e mostra para o amigo, jornalista e pesquisador Sérgio Cabral que além de o incentivar – “Isso está muito bonito. Vá lá e pinte mais”¹ –, organiza também a primeira exposição, na sala de sua casa, com sete obras do artista no ano de 1973. O primeiro quadro foi comprado pelo músico Paulinho da Viola.

Sobre sua primeira obra e estilo artístico, Nelson cita que: meu primeiro trabalho foi abstrato, com massa plástica, técnica que descobri com os respingos no chão. Hoje está com Paulinho da Viola, que se apavora quando digo que quero o quadro de volta. Fui fazendo meus quadrinhos até que me padronizei. Todo pintor chega a isso quando encontra um estilo que gosta, ou gostam. Caso do Volpi, um grande paisagista que ficou marcado pelas bandeirinhas. Pinto mesmo. (Nassaralla, 2012)

Suas telas tem características particulares de traços primitivos, sem adição de perspectiva e com cores geralmente quentes. Nelas, o pintor retrata seu universo,

como menciona em entrevista publicada no site A Nova Democracia em março de 2008, que “eu gosto de pintar os morros, as escolas de samba, os ritmistas, as baianas. Esse é o tema da minha pintura”². Suas inspirações artísticas se assemelham a outros músicos que também se tornaram pintores como Heitor dos Prazeres (1898-1966) e Dorival Caymmi (1914-2008).

A pesquisadora Juliana dos Santos Barbosa (2013), cita que,

os sambistas-pintores retratam, principalmente, elementos do cotidiano popular e da cultura do samba, como os instrumentos típicos do gênero musical, o botequim, a comida, entre outros. Assim como nos sambas que falam de samba, esses artistas plásticos deixam registrada a história de sua cultura em imagens. A recorrência temática de imagens do povo e do ambiente popular, além de ser um fenômeno de inspiração e criação, constitui uma forma de afirmação cultural: a invisibilidade social da vida popular leva os pintores a manifestarem-se em suas telas. (p.60)

As baianas de Nelson Sargento

Como já mencionado, nas obras de Nelson Sargento, encontramos os elementos de seu cotidiano e assim a presença das baianas tem forte significado.

A figura da baiana para os sambistas é a preservação da cultura, reconhecimento e uma homenagem às grandes matriarcas do samba, as tias baianas que em sua trajetória mantiveram vivo o ritmo brasileiro, assim como atualmente acontece nos desfiles carnavalescos em que sua presença é obrigatória.

No cotidiano, as tias baianas da atualidade ajudam a cuidar da roda, da quadra, da escola. Organizam a limpeza, fazem as comidas e preparam as celebrações. Formam o coral feminino, sendo para os compositores um termômetro dos sambas que vão ‘pegar’ na comunidade. São mães e avós dos sambistas, portanto, personagens fundamentais na transmissão do saber do samba, de geração para geração. Parteiras, bordadeiras, educadoras, líderes comunitárias, elas aglutinam, apaziguam e organizam o cotidiano das comunidades do samba carioca. (Iphan, 2014, p. 112)

As tias baianas foram mulheres que viveram no Rio de Janeiro no final do século XIX e início do século XX. Elas eram mulheres negras, ex-escravizadas recém liberta, provindas do Estado da Bahia principalmente. Elas, em sua maioria, pertenciam a religiões afro-brasileiras e sua ocupação profissional, de vendedoras de tabuleiro.

Sendo por todos esses motivos, que os trajes usados ainda hoje pelas componentes das alas das baianas das escolas de samba se assemelham com as roupas encontrados atualmente nos terreiros de Umbanda e Candomblé e também às vestes das mulheres “tias” baianas do final do século XIX e início do século XX.

Na obra Dossiê Matrizes do Samba no Rio de Janeiro: partido-alto, samba de terreiro, samba-enredo publicado

em 2014 pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan) registra que as baianas: “simbolizam as cabeças coroadas pelos cabelos brancos e representam a sabedoria das tias da antiga Praça Onze e do Estácio, berço do samba, onde Tia Ciata, Tia Bebiana e muitas outras dançavam e louvavam os orixás” (p. 111)

Nas obras de Nelson Sargento, é possível encontramos as baianas retratadas tanto com os trajes tradicionais ou também com os usados nos desfiles das escolas de samba. Quando nos quadros as baianas se apresentam mais próximas aos trajes usados pelas componentes da ala das baianas das escolas de samba é como se elas estivessem usando as fantasias de enredo, principalmente no que se refere à forma e volume das saias, item que é o mais chamativo em relação à fantasia de enredo como um todo devida à sua extensa circunferência e muito bem estruturada. Sua forma remete às saias que eram armadas por crinolinas usadas no século XIX.

Para que a saia tenha essa estrutura ou são usados saiotos de estruturas ou serão saias já estruturadas já somente adereçadas.

Quando há uso de saiotos, ou eles poderão ser em uma saia com suspensórios também vestidos, onde na parte da saia, é encontrado canaletas de tecido por onde passaram conduítes plásticos – os mesmos usados na construção civil – que, no samba também é chamado de bambolê.

A circunferências destas saiam, em sua maioria, variam de 5 a 7 metros, mas há possibilidade de serem menores dependendo da criação do carnavalesco.

Outra representação encontrada nos quadros de Nelson Sargento, são as baianas usando os trajes em sua forma mais tradicional, quando analisados em relação à forma e volume. Encontramos saias armadas, bata, turbante e também por vezes com o tradicional pano da costa, colocado sobre os ombros.

O que hoje é considerado o traje tradicional de baiana não foi uma invenção das tias baianas como pode ser visto na descrição do autor Gilberto Freyre (2013) em Casa Grande & Senzala, quando descreve o traje da baiana no século XIX que,

na Bahia, no Rio de Janeiro, no Recife, em Minas, o traje africano, de influência maometana, permaneceu longo tempo entre os pretos. Principalmente entre as pretas doceiras; e entre as vendedeiras de aluá. Algumas delas amantes de ricos negociantes portugueses e por eles vestidas de seda e cetim. Cobertas de quimbembèques. De jóias e cordões de ouro. Figas da Guiné contra o mau olhar. Objetos de culto fálico. Fieiras de miçangas. Colares de búzios. Argolões de ouro atravessados nas orelhas. Ainda hoje [o texto é de 1933] se encontram pelas ruas da Bahia negras de doce com os seus cumpridos xales de pano da Costa. Por cima das muitas saias de baixo, de linho alvo, a saia nobre, adamscada, de cores vivas. Os peitos gordos, em pé, parecendo quere pular das rendas do cabeção. Teteias. Figas. Pulseiras. Rodilha ou turbante muçulmano. Chinelinha na ponta do pé. Estrelas marinhas de prata. Bracletes de ouro. Nos princípios do século XIX Tollenare, em Pernambuco, admirou a beleza dessas negras quase rainhas. (p. 396)

Sobre o pano da costa, o antropólogo Raul Lody (1977), diz que esta peça encontrada na composição do traje da baiana não é apenas,

um complemento da indumentária, mas um distintivo do posicionamento feminino nas comunidades religiosas afro-brasileiras. É uma peça indispensável no traje profano da baiana, definindo tipos de atividades econômicas ou agremiações. As baianas de rua ou *vendedeiras* e as quituteiras ou *baianas de tabuleiro*, tem por meio dos turbantes e dos Panos da Costa suas marcas características (p. 3)

Este tipo de traje descrito acima ainda hoje é usado pelas componentes das alas das baianas de escolas de samba em algumas ocasiões de suas apresentações dentro e fora das quadras de suas agremiações.

Outra possibilidade que pode ser observada nas obras de Nelson Sargento, é a figura das baianas sendo acompanhadas por outras personalidades do carnaval, como os passistas e ritmistas na composição das telas. Vale informar que cotidianamente essa situação acontece quando as componentes estão se apresentando em eventos socioculturais, que não se restringem apenas ao tempo definido para o Carnaval, mas sim o calendário carnavalesco vai, incansavelmente, de janeiro a janeiro.

Nelson Sargento artista Plástico

Somente a partir do ano de 1982 que o artista começa a conciliar seu trabalho de músico e sambista já consagrado com as suas telas e é definitivamente considerado um artista plástico e no ano de 1983 realiza mais uma exposição no Arquivo da Cidade no Rio de Janeiro.

Já em 1985 juntamente com os sambistas Wanderley Caramba (1934-), Heitorzinho dos Prazeres (1942-) e Sérgio Vidal (1945-), formam o grupo Sambistas Pintores que uniu a paixão pela música e pela pintura de todos os componentes, realizando shows e posteriormente exposições coletivas de suas obras.

Na década de 1990 realiza várias exposições de seus quadros sendo em 1993, no Museu da Imagem e do Som; em 1994 na Câmara Municipal do Rio de Janeiro juntamente com o lançamento do livro de poemas "Prisioneiro do mundo"; em 1995 no Museu do Folclore; em 1996, a *Exposição Nelson Sargento* na Sala do Artista Popular no Rio de Janeiro; em 1998 na Assembleia Legislativa do Rio de Janeiro; em 1999 novamente no Museu da Imagem e do Som do Rio de Janeiro e também no Espaço Cultural Toca do Vinicius, em Ipanema.

Sempre ativo, no ano de 2005 disse em entrevista concedida ao jornal O Dia na edição de 23 de maio, que estaria "planejando acrescentar mais alguma coisa ao meu estilo de pintura, mas não sei bem o que ainda... o artista plástico fica, normalmente padronizado. É natural que a gente queira colocar algo novo na nossa obra" e complementa sobre seus projetos futuros "Meu tempo é hoje. Agora estou pensando nos meus quadros. Daqui a pouco estarei pensando nas minhas apresentações e assim por diante".

Já em 2009, realiza a exposição Sambistas Pintores, seus companheiros do grupo, no Restaurante Málaga, no centro do Rio de Janeiro e em 2015, no Café Donuts, em Brasília alguns quadros são vendidos à R\$ 980,00 cada obra.

Em 2019, no alto dos seus 95 anos, Nelson é convidado a fazer uma participação no festival Rock in Rio, que além de se apresentar em roda de samba, também expôs 14 telas no espaço favela.

Em toda sua carreira de artista plástico Nelson já pintou mais de 600 quadros e suas obras estão espalhadas nos mais diversos cantos do mundo, incluindo no Palácio do Planalto e até no gabinete do Presidente da Coreia do Sul.

Conclusão

Por toda sua contribuição artística e cultural que passa pela música, cinema, literatura e artes plásticas, Nelson foi condecorado em 1996 com a Medalha Pedro Ernesto, da Câmara Municipal do Rio de Janeiro, pelos serviços prestados à cultura; em 2016 torna-se Comendador da Ordem do Mérito Cultural (OMC), outorgado pelo Ministério da Cultura (MinC); e em 2020 recebe a Medalha São Sebastião do Rio de Janeiro da Ordem do Mérito Cultural Carioca, concedido pela Prefeitura do Rio de Janeiro.

No ano de 2006 em entrevista para o site Bolsa de mulher, Nelson é questionado se ainda existe público para o samba, e explica que,

é claro que existe, não só no carnaval. O samba tem público numeroso. Agora, acontece que a divulgação fica difícil porque se emprega muito marketing com outros gêneros de música e se esquecem do samba. O rock arrasta uma multidão de pessoas e tem um patrocínio forte. Você não consegue um espetáculo de samba desse porte porque não há patrocínio. O grande movimento do samba é na época do carnaval... Ele agoniza mas não morre. O samba fica. O samba não é movimento. Movimento sertanejo, movimento bossa-nova, movimento pagode... (Lomelino, 2006, p. 92)

E mesmo diante à pandemia do COVID-19, no ano de 2021 o artista autodidata e multitarefas se mantém ativo participando de *lives*, entrevistas e novos projetos, incluindo um seu próximo livro conforme foi divulgado no seu perfil oficial na rede social Facebook:

Na serenidade de seus 96 anos, caminhando firme para comemorar seu aniversário no meio do ano (devidamente vacinado contra a covid-19), Nelson Sargento nos prometeu que muito em breve vai lançar outro livro. Já estamos ansiosos, mestre! (Sargento, Facebook, 2021)

Salve senhor Nelson Sargento! Valorizar nossa ancestralidade é construir nosso futuro! Vida longa ao mestre!

Notas

1. Nelson Sargento em entrevista para o Jornal O Globo publicada em 23 jul. 2019. Matéria Completa disponível em: <https://blogs.oglobo.globo.com/blog-do-acervo/post/prestes-completar-95-anos-nelson-sargento-se-emocionao-rever-e-comentar-imagens-da-carreira.html>. Acesso em 18 mar. 2021
2. Entrevista para o site A Nova Democracia em Ano VI, n. 41, março de 2008. Disponível em: <https://www.anovademocracia.com.br/no-41/1564-nelson-sargento-a-historia-do-bom-samba>. Acesso em: 18 mar. 2021.

Referências Bibliográficas

- Albin, R. C. (n.d.). Nelson Sargento. In *Dicionário Cravo Albin da Música Popular Brasileira*. Recuperado em 20 de março de 2021, de <https://dicionariompb.com.br/nelson-sargento>
- Barbosa, J. S. (2013). *Nelson Sargento e a cultura do samba: aspectos da criação artística* [Tese de doutorado, Universidade Estadual de Londrina]. Biblioteca Digital Universidade Estadual de Londrina. <http://www.bibliotecadigital.uel.br/document/?code=vtls000184774>
- Freyre, G. (2013). *Casa Grande & Senzala: formação da família brasileira sob o regime patriarcal*. Global.
- Instituto do Patrimônio e Artístico Nacional (2014). *Dossiê Matrizes do Samba no Rio de Janeiro: partido-alto, samba de terreiro, samba-enredo*. IPHAN. <http://portal.iphan.gov.br/uploads/publicacao/DossieSambaWeb.pdf>.
- Lody, R. G. (1977). *Pano da Costa (Cadernos de folclore 15)*. Funarte.
- Lomelino, R. F. (2006). *Nelson Sargento; cidadão do Mundo, das passarelas às prateleiras*. [Monografia de Bacharelado, Universidade Federal do Rio de Janeiro].
- Nassaralla, A. (2012, 20 de novembro). Nelson Sargento. *ARTENAFRIO*. <http://artenafrio.blogspot.com/2012/11/nelson-sargento.html>

Nelson Sargento. (2021, 20 de março). *Campanha leia Nelson Sargento*. Facebook. <https://www.facebook.com/NelsonSargentoOficial/photos/a.107588881131926/183538570203623/>

Resumen: Nelson Sargento (1924-) es compositor, cantante, escritor, actor y artista plástico. A los 12 años se trasladó a Morro da Mangueira para vivir con Alfredo Lourenço, que le enseñó el oficio de pintor de paredes. Incluso siendo un músico consagrado, sigue pintando paredes hasta que se convierte accidentalmente en un artista. Las pinturas de colores fuertes y primitivos retratan sus pasiones: las colinas, las escuelas de samba, los bailarines de samba y las baianas.

Palabras clave: carnaval – Brasil – arte primitivo – sambista – traje de baiana – traje – proceso creativo.

Abstract: Nelson Sargento (1924-) is a composer, singer, writer, actor, and plastic artist. At the age of 12 he moved to Morro da Mangueira to live with Alfredo Lourenço, who taught him the trade of wall painters. Even as an established musician, he continues to paint walls until he accidentally becomes an artist. The paintings of strong colors and primitive paintings portray his passions: hills, samba schools, samba dancers, and the Baianas.

Keywords: carnival – Brazil – primitive art – sambista – baiana costume – costume – creative process.

(*) **Maria Eduarda Andreazzi Borges**, é mestrandanda em Artes Cênicas na Escola de Comunicações e Artes da USP sob orientação do Prof. Dr. Fausto Viana, investigando o traje da baiana com enfoque no traje da baiana de Carnaval. Especialista em Moda & Criação pela Faculdade Santa Marcelina e Graduada em Comunicação Social – Habilitação em Rádio e TV. Atua como componente ativa e foliã-pesquisadora na ala das baianas da Sociedade Rosas de Ouro da cidade de São Paulo, desde dezembro 2010.

Camiones de escalera: expresión gráfica de la cultura popular campesina en Colombia

María Isabel Zapata Cárdenas (*)

Actas de Diseño (2024, julio),
Vol. 46, pp. 100-104. ISSN 1850-2032.
Fecha de recepción: julio 2021
Fecha de aceptación: abril 2023
Versión final: julio 2024

Resumen: Este trabajo pretende revisar los esquemas gráficos e icónicos que se presentan en el estilo visual de los Camiones de Escalera, transporte tradicional rural en Colombia. Cabe aclarar, que los Camiones de Escalera son vehículos que han sobrepasado su importancia como medio vehicular, para convertirse en un referente de cultura popular y visual en el contexto campesino en Colombia; sobre todo en regiones productivas cafeteras como es la Región Andina. Sector geográfico donde se lleva a cabo esta investigación.

Palabras clave: Camiones de escalera – iconografía- cultura popular – ruralidad – esquemas gráficos - Colombia

[Resúmenes en inglés y portugués en la página 104]